

O herói romântico

JOÃO BATISTA VIEIRA

I — INTRODUÇÃO: CONCEITO E ABORDAGEM HISTÓRICA

HERÓI (do grego héros, pelo latim * heroe). S. M.
1 — Homem extraordinário pelos seus feitos guerreiros, pelo ser valor, ou magnanimidade... 3. protagonista de uma obra literária... (Dicionário Aurélio).

Como protagonista literário ou homem extraordinário, capaz de derrotar quantos inimigos se lhe opuserem, a verdade é que a figura do herói, de uma maneira ou de outra, se fez presente em todas as culturas e civilizações que habitaram a terra e deixaram sua marca nas páginas da história universal de que temos conhecimento.

Entre os gregos antigos, é interessante lembrar a presença de heróis «com características divinas, com poderes especiais, embora fossem mortais»,¹ mais especificamente Ulisses, Hércules, Teseu, Aquiles, etc, todos descritos como valentes, guerreiros e fazedores de façanhas.

Afora os heróis da mitologia grega, temos também os heróis históricos, isto é, aqueles que se destacaram por seus feitos guerreiros e que são abordados numa perspectiva histórica, embora, muitas vezes, também mitificados. São exemplos desse tipo de herói: Alexandre, o grande, Carlos Magno, Júlio César e os heróis da religião cristã, canonizados pela Igreja Católica.

Aliás, os primórdios da religião cristã se nos revelam impregnados de atos heróicos, na figura dos patriarcas hebreus, durante a luta pela conquista da terra prometida, de que nos dão exemplos os livros do Antigo Testamento.

Esses heróis bíblicos muito se assemelham ao herói romântico, dado o modo como eles surgem dentro da narrativa, isto é, de homens comuns se transformam em figuras heróicas, a partir de um empreendimento belicoso bem sucedido, no qual tiveram uma participação relevante. O mesmo não se dá com os heróis da mitologia grega, que na maioria das vezes já nasciam predestinados a serem heróis. Na verdade eram uma espécie de semideuses.

Essa semelhança com o herói romântico, presente nos heróis bíblicos, se explica pelo fato de estes, a exemplo dos românticos, também passarem por uma morte e um renascimento simbólicos.

Dentre eles, José é um exemplo típico. Vendido aos egípcios é tido como morto por seu pai, reaparece mais tarde no Egito como ministro do Faraó e um escolhido de Deus para salvar o povo de Israel da fome e conduzi-lo ao Egito. Esse hiato entre o seu desaparecimento e sua identificação serve para amadurecê-lo e colocá-lo como salvador de sua gente.

Moisés, Josué, Sansão, Gedeão e Davi são personagens que tiveram uma transformação radical em suas vidas, determinada por várias circunstâncias, elevando-os à condição de heróis.

Moisés era filho adotivo da filha do Faraó. Abandona essa vida e se retira para as montanhas, de onde é enviado por Deus para libertar os hebreus do jogo da escravidão. Nessa ocasião é submetido a várias provas, das quais sai sempre vitorioso.²

Sansão é o tipo do herói guerreiro e invencível: «Apanhando uma queixada de jumento, feriu com ela mil homens».³ Mesmo depois de cego e dominado pelos filisteus, Sansão realiza seu último ato heróico: «Sacudiu com todas as suas forças o edifício, que ruiu sobre os príncipes e sobre todo o povo reunido. Deste modo, matou pela sua morte muito mais homens do que matara em toda a sua vida».⁴

Davi se transforma em herói após vencer o gigante Golias, ferindo-o de morte com uma funda e uma pedra. De simples pastor

de ovelhas se transforma no maior herói de seu povo. Depois desse feito, Davi é adorado por todo o povo e acaba por tornar-se rei de Israel.

Essa plêiade de heróis bíblicos alcança seu ápice na figura de Jesus que, numa atitude heróica, dá sua vida em favor da humanidade.

Como observa Joseph Henderson, em geral «a fraqueza inicial do herói é contrabalançada pelo aparecimento de poderosas figuras «tutelares» — ou guardiães — que lhe permitem realizar as tarefas sobre-humanas que lhe seriam impossíveis de executar sozinho».⁵ Esse traço é freqüente na composição do herói romântico, que, não raro, tem um amigo que o protege e lhe dá cobertura. Entre os heróis bíblicos, essa figura tutelar está sempre representada pelo Anjo do Senhor.

II — O HERÓI ROMANTICO

Nesse passeio pelos heróis representativos da literatura universal, façamos um ponto de parada na estação romântica. É nela que vamos nos ater para estudar mais detalhadamente o herói aí presente, isto é, o herói romântico.

No século XIX, a literatura ultramarina e a brasileira, marcadas pelo subjetivismo e pelo sentimentalismo exagerados, passaram a abordar temas caracteristicamente amorosos, em que paixões desenfreadas e os amores impossíveis eram o clichê do momento. A esse estilo literário, marcado pelo culto do subjetivo e da paixão, chamamos Romantismo.

Na impossibilidade de realizar suas pretensões amorosas, por causas várias, como proibição da família, preconceitos social e racial, os protagonistas tentam subverter a ordem e tornar possível o amor interdito e se submetem às mais difíceis provas, tornando-se, assim, figuras heróicas. «Assim, o herói romântico é um ser excepcional (...), um rebelde, alguém que não teme libertar a agressividade, a violência proibida pela sociedade».⁶

Para não divagar muito em torno das considerações acerca do herói romântico, mister se faz que exemplifiquemos concretamente essa postura do herói em algumas obras de maior expressão, tanto no romantismo português quanto no romantismo brasileiro. Obras e

heróis são o que não nos faltará, por isso, selecionei algumas que trabalham mais claramente o tema que ora me proponho a desenvolver. **Amor de Perdição**, de Camilo Castelo Branco, **Eurico, o Presbítero**, de Alexandre Herculano e **O Guarani**, de José de Alencar, por suas características românticas, contêm, em sua maioria, os traços e atitudes pertinentes ao herói romântico: guerreiro, valente, destemido, bom, viril e leal.

Em **Amor de Perdição**,⁷ o nosso herói se apresenta de maneira um pouco obscura, não se revelando de imediato. Primeiro nos é mostrado um Simão rebelde e arruaceiro, sem nenhuma credencial de herói, segundo o conceito de Baltazar Gracián, que o define como sendo um ser superior, capaz de conseguir a estima dos homens sem se deixar conhecer plenamente, camuflar os erros, ampliar os acertos, ter compreensão ágil do que fazer, sem confusão, e não ser apenas guerreiro, mas também sábio.⁸

Curiosamente, Simão altera a sua conduta, para contentamento de seus pais e quiçá das leitoras: «No espaço de três meses fez-se maravilhosa mudança nos costumes de Simão».⁹ Simão deixa suas amizades e se enclausura. Enfim, uma enorme transformação se opera com o extrovertido personagem. «Simão Botelho amava».¹⁰ Assim, Simão «morre» para a vida boêmia e nasce para uma vida dedicada ao amor que ele acabara de descobrir. Doravante sua vida seria uma constante dedicação àquele amor que, mal nascera, já era eterno, e pelo qual morreria, se preciso fosse. A sua morte e nascimento simbólicos o credenciavam a ocupar a galeria dos heróis que a tudo renunciavam ou enfrentavam todos os perigos por amor daquela que era o motivo precípua de seus dias sobre a face da terra; só a morte verdadeira seria capaz de detê-lo na conquista definitiva desse amor.

Em contraposição à figura do herói, **Amor de Perdição** mostra também a figura do vilão, que é uma espécie de afirmação para o herói. Para se mostrar superior e inigualável, é necessário que o herói tenha pela frente um adversário à altura. Na novela em estudo, o herói não enfrenta uma legião de inimigos, nem monstros. As suas provas são os preconceitos sociais e um adversário amoroso, Baltazar Coutinho, primo de Teresa, a escolhida de Simão. Baltazar, por várias vezes, atenta contra a vida de nosso herói, não sendo bem sucedido em nenhuma delas.

Para derrotar os inimigos, Simão conta com a proteção do ferrador João da Cruz, que, em paga aos favores recebidos, torna-se o seu escudeiro e protetor. João da Cruz oculta Simão em sua casa durante a convalescença de um ferimento sofrido numa emboscada preparada por Baltazar para matá-lo.

Por fim, dá-se o encontro entre os dois e Simão mata seu adversário. «Baltazar Coutinho lançou-se de ímpeto a Simão. Chegou-lhe a apertar a garganta nas mãos; mas depressa perdeu o vigor dos dedos (...) tinha o alto do crânio aberto por uma bala que lhe entrara na fronte».¹¹

A rebeldia de Simão, confirmada na escolha do objeto interdito (TERESA), se desvanece na medida que aceita passivamente a sua condenação esperando a morte como forma de alcançar a verdadeira felicidade: «A luta com a desgraça é inútil, e eu não posso já lutar. Foi um atroz engano o nosso encontro. Caminhemos ao encontro da morte».¹²

Durante o tempo em que esteve preso, nada fez para reaver o seu direito à liberdade, abandonando por completo a luta pela conquista definitiva do amor interdito. No momento em que esse amor poderia significar a conjunção e anulação de diferenças, Simão se contém e se acomoda nos padrões sociais. A rebeldia se transforma em submissão na medida em que ele respeita a proibição e impede que se realize o amor interdito. Este só pode ser realizado em outro contexto para onde ambos caminham: o céu. A morte do herói é também uma forma de castigo à sua rebeldia e uma maneira de manter o equilíbrio social.

O herói em Eurico, o Presbítero,¹³ se faz representar na figura de Eurico, «um gardingo que pretende casar-se com a filha de nobre».¹⁴ No entanto, essa união significaria a anulação das diferenças existentes entre as duas classes sociais. Ao desejar a mulher proibida, Eurico revela-se um elemento rebelde, perigoso, que ameaça a estrutura social e, por isso, deve ser punido.

É interessante notar a presença da figura feminina ao lado do herói romântico. Essa figura sempre se apresenta de forma interdita e inatingível para o hóroí, que, ante a impossibilidade de concretização desse amor, rebela-se contra as normas da família e da sociedade.

A primeira morte simbólica de Eurico é marcada por sua opção pelo sacerdócio, depois de uma longa e perigosa enfermidade. Assim, Eurico desaparece do mundo profano: «Ao cabo das grandezas cortesãs o pobre gardingo encontrara a morte do espírito, o desengano do mundo»¹⁵ e renasce como sacerdote e poeta. «A nova existência de Eurico tinha modificado, porém não destruído, o seu brilhante caráter».¹⁶

Quando das invasões árabes no império visigótico, Eurico é conclamado a lutar ao lado dos godos e é aí que mais uma vez «morre», desta vez como sacerdote e poeta, e ressurge como guerreiro solitário, o Cavaleiro Negro, visto como um ser supra-humano, capaz de enfrentar e vencer sozinho grupos de invasores da Pátria. É o seu nascimento como herói: «Diante dele recuavam os mais esforçados muçulmanos (...) A fama de suas façanhas tinha-o cercado de uma auréola de terror supersticioso, e, quando passava, os guerreiros do deserto apontavam para ele e em voz sumida diziam uns aos outros — «Ei-lo que vem! ei-lo, o cavaleiro negro»».¹⁷ Deste modo, Eurico se transforma em herói, através da forma mais típica que compõe esse processo, isto é, o combate contra o monstro, que equivale a uma multidão de inimigos.

Nota-se que Eurico confirma essa manifestação heróica repetindo por várias vezes o ritual morte/ressurreição simbólicas, quando do seu desaparecimento depois de cessar a batalha do primeiro dia e do seu reaparecimento no dia seguinte, ao som das trombetas que anunciavam o renovar do combate. Mais uma vez esse ritual se repete quando se lança à corrente do rio Críssus: «As trevas, que já desciam densas e a impetuosidade da corrente que o arrastava não permitiram prever-se qual seria sua sorte».¹⁸ Reaparece depois em Covadonga junto de Pelágio.

Mais uma manifestação heróica de Eurico se dá através da tarefa de salvar Hermengarda das mãos dos árabes infiéis. Desta vez, porém, divide o seu heroísmo com os companheiros escolhidos para o acompanhar. No entanto, foi ele que «tomando-a nos braços atravessou ligeiro para o lado do arraial onde estanceavam os godos».¹⁹ Nessa aventura, a prova mais difícil para Eurico é a travessia sobre o rio Sália, carregando nos braços Hermengarda. E para evidenciar a sua coragem e força, nenhum dos que com ele estavam ousaram tentar

semelhante façanha: «Tomou nos braços aquele corpo de mulher que lhe jazia aos pés e encaminhou-se para a estreita ponte do Sália».²⁰

Ao ouvir de Hermengarda a confissão de que também é amado, não obstante não existir a interdição paterna inicial, Eurico encontra nova barreira à realização desse amor: o sacerdócio, pelo qual ele havia morrido para o mundo. A prova mais difícil o esperava: suportar a vida sem a realização do amor correspondido. O conhecimento do amor impossível de Hermengarda incita em Eurico a necessidade de um novo ritual de morte, que ele buscara tantas vezes e não havia encontrado. Mas como é interdito ao homem atentar contra a própria vida, principalmente se esse homem se adequa aos cânones cristãos, Eurico se deixa matar por um adversário: «Como tomba o abeto solitário da encosta ao passar do furacão, assim o guerreiro misterioso do Críssus caía para não mais se erguer».²¹ A morte passiva de Eurico simboliza a submissão do herói, para que não haja subversão dos valores nem descontinuidade da estrutura social.

Assim, conforme ressaltou Lélia Duarte, «ritualizada, a morte do herói Eurico se repete ainda em muitas novelas românticas, onde os heróis ou heroínas morrem em testemunho de seu amor, sem cuja realização recusam-se a viver».²²

O Romantismo brasileiro, a exemplo do ultramarino, também teve seus heróis. É necessário dizer que, em alguns aspectos, esses heróis diferem dos portugueses, pela diversidade de contextos.

José de Alencar, principal prosador romântico brasileiro, nos apresenta diversos personagens que são vistos como verdadeiros heróis. O índio Peri em *O Guarani* é a figura típica do herói romântico brasileiro: «Era de alta estatura; tinha as mãos delicadas; a perna ágil e nervosa, ornada com uma axorca de frutos amarelos, apoiava-se sobre um pé pequeno, mas firme no andar e veloz na corrida...»²³

O herói de José de Alencar é um ser semi-divino, poderoso: Peri é filho do Sol. Portanto, o herói brasileiro também é idealizado. Como todo herói romântico, Peri enfrenta sozinho vários perigos e sempre sai vitorioso.

Peri é também um herói rebelde e que se torna submisso. Sua rebeldia pode ser notada quando do abandono de sua tribo, enquanto que sua submissão se torna clara a partir do momento que aceita o batismo cristão, como forma de se integrar à sociedade branca.

III — ÚLTIMA AVENTURA

Imagine você perdido(a) numa floresta densa, numa cadeia de montanhas ou enfrentando uma legião de inimigos. Uma coisa é certa: se você conseguir sair incólume de qualquer uma dessas situações, fatalmente você terá feito um ato heróico. Enfim, você passará a ocupar a galeria daqueles dos quais temos falado até agora.

Por seus atos heróicos e sobre-humanos, figuras como Ulisses, Hércules, Aquiles, Davi, Sansão, Eurico, Simão, Peri e outros mais tornaram-se heróis imortais, como protagonistas de uma narrativa.

Como já foi dito anteriormente, o herói romântico é inicialmente um ser rebelde dentro de seu contexto, mas é interessante notar, ainda, que essa rebeldia não é vã, pois ele é sempre movido por um ideal que, não raro, está além de seu alcance.

Simão deseja a filha do maior inimigo de seu pai; Eurico sente frustradas as suas pretensões de se unir em casamento com a filha de Favila, Conde de Cantábria; Peri, o índio, enamora-se de uma branca, Ceci. A própria construção romântica possibilita essa rebeldia ao criar personagens tão antagônicos e tentar aproximar «seres a cujo amor coloca-se naturalmente a interdição social».²⁴

Curiosamente, ao final da narrativa romântica, o herói se torna submisso, na medida em que abdica de seu ideal e respeita a interdição e as «leis sociais tidas como justas».²⁵ Para chegar a esse estágio, ele passa por várias transformações e, não raro, pelo ritual nascimento-morte-ressurreição simbólicos. No Romantismo português, o convento-instituição aparece constantemente «como espaço de morte simbólica. Nas obras em estudo, Teresa (*Amor de Perdição*) e Eurico (*Eurico, o Presbítero*) buscam esse espaço para «morrerem» para o mundo. No Romantismo brasileiro, essa morte simbólica é marcada mais por um isolamento da sociedade, caso específico de Peri, que abandona sua tribo e passa a viver com os brancos.

O herói se torna submisso para preservar os valores convencionados pela sociedade e também para preservar sua dignidade e honra. A procurar a morte verdadeira como forma de redimir as suas culpas, o herói não opta pelo suicídio, considerado vil e desonroso: «Eu não me suicido! — exclamou abruptamente Simão Botelho».²⁶ Eurico muitas

vezes reprime a intenção de se suicidar e, finalmente, deixa-se matar, para, desse modo, se redimir de seus crimes: «Meu Deus! Meu Deus! — Possa o sangue do mártir remir o crime do presbítero».²⁷

Concluindo, podemos dizer que tanto na literatura brasileira quanto na literatura portuguesa, o herói romântico é marcado pelas dicotomias MORTE/REASCIMENTO E REBELDIA/SUBMISSÃO.

NOTAS

1. FEIJÓ, Martin Cezar. *O Que é Herói*. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 14.
2. *EXODO*. In: *Bíblia Sagrada; Antigo Testamento*. São Paulo, Ave Maria, 1978.
3. *JUIZES*. In: *BÍBLIA*. Op. cit., p. 293.
4. ————. In: *BÍBLIA*. Op. cit., p. 295.
5. HENDERSON, Joseph L. *Os Mitos Antigos e O Homem Moderno*. In: Jung, Carl G. *O Homem e seus Símbolos*. 4 ed. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d., p. 110.
6. DUARTE, Lélia Parreira. *O Herói Romântico; Rebeldia e Submissão*. *Boletim do Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da UFMG, do Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, Imprensa Universitária, 3(5):51-72, 1981*.
7. CASTELO BRANCO, Camilo. *Amor de Perdição*. 8 ed. São Paulo, Atica, 1983.
8. GRACIAN, Baltazar apud FEIJÓ, Martin Cezar. Op. cit., p. 28.
9. CASTELO BRANCO, Camilo. Op. cit., p. 25.
10. ————. Op. cit., p. 26.
11. ————. Op. cit., p. 72.
12. ————. Op. cit., p. 108.
13. HERCULANO, Alexandre. *Eurico, O Presbítero*. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s.d.
14. DUARTE, Lélia Parreira. *Mito e Ideologia em Eurico, O Presbítero*. *Boletim do Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, Imprensa Universitária, 1(1):7-19, 1979*.
15. HERCULANO, Alexandre. Op. cit., p. 25.
16. ————. Op.cit., p. 26.

17. ————. Op. cit., pp. 93 e 97.
18. ————. Op. cit., p. 99.
19. ————. Op. cit., p. 149.
20. ————. Op. cit., p. 180.
21. ————. Op. cit., p. 212.
22. DUARTE, Lélia Parreira. Mito... Op. cit., p. 18.
23. ALENCAR, José Martiniano de. **O Guarani**. 3 ed. São Paulo, Ática, 1974, p. 20.
24. DUARTE, Lélia Parreira. **O Herói...** op. cit., p. 70.
25. ————, Lélia Parreira. Mito... Op. cit., p. 19.
26. CASTELO BRANCO, Camilo. Op. cit., p. 116.
27. HERCULANO, Alexandre. Op. cit., p. 212.

BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, José Martiniano de. **O Guarani**. 3 ed. São Paulo, Ática, 1974.
- BOLETIM do Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, *Imprensa Universitária*, 1(1):7-19, 1979 e 3(5):51-72, 1981.
- CASTELO BRANCO, Camilo. **Amor de Perdição**. 8 ed. São Paulo, Ática, 1983.
- FEIJÓ, Martin Cezar. **O Que É Herói**. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- GÊNESIS, Exodo, Juízes. In: **Bíblia Sagrada; Antigo Testamento**. São Paulo, Ave Maria, 1978.
- HECULANO, Alexandre. **Eurico, o Presbítero**. Rio de Janeiro, Tecnoprint, s.d.
- JUNG, Carl G, org. **O Homem e seus Símbolos**. 4 ed. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d.